

Discurso do Reitor da Universidade de Coimbra (*)

Prof. Doutor MAXIMINO CORREIA

Senhor Presidente da República, Excelência,
Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa,
Ex.^{mo} Senhor Director do Instituto Superior de Agronomia,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

A Universidade de Coimbra agradece a feliz oportunidade que o Ex.^{mo} Director do Instituto Superior de Agronomia lhe quis oferecer de, jubilosamente, se associar às comemorações do primeiro centenário da fundação do Instituto Agrícola.

E não podia Ela, a velha e sempre nova e gloriosa Universidade, estar ausente desta celebração em que se presta homenagem aos cultores de uma ciência amável e prestimosa e em que tem o ensejo de relembrar o próprio contributo.

*

* * *

Eu creio que o velho dito — «de médico e de louco todos temos um pouco» — se pode tornar extensivo a outras actividades.

E nenhuma tão generalizada, a meu ver, como a da agricultura.

(*) Pronunciado na sessão inaugural da Comemoração do 1.º Centenário da Instituição em Portugal do Ensino Superior Agrícola, realizada em 20 de Abril de 1953 na sala da Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia.

Para além dos que ligam a sua existência inteira às duras, mas sagradas labutas de amorosamente resolver, amanho, semear, tratar e colher o que a terra generosa nos pode dar, há esta tendência do homem — quando dobrada a quadra exuberante da mocidade e se anunciam as penumbras crepusculares da vida — para o cultivo da terra.

Dir-se-ia que este pendor, mais do que a ânsia da sobrevivência pela procriação, representa e significa o início da restituição à terra donde viemos do pó que nós somos.

Fatalidade biológica que nos mostra o sentido profundo da vida e nos deixa vislumbrar a obra intangível do Criador, ela penetra-nos até aos recessos mais profundos da consciência e ultrapassa-a para nos vincar indelévelmente os próprios instintos.

Não admira, pois, que nas profundezas do subconsciente de cada ser humano haja um agricultor latente.

E também não surpreende que a terra e as suas produções, os campos e as suas belezas constituam, desde que o homem existe sobre o orbe, a sua preocupação primacial, o motivo fundamental, a razão de ser da própria vida e aí resida, como quer Hesíodo, a verdadeira e única felicidade.

Quando o homem, por ser superiormente dotado, é susceptível de vibrar com as esplendentes belezas que a natureza lhe oferece e de as exprimir com felicidade, não apenas nas suas qualidades estáticas, mas na evolução surpreendente das formas e das funções, esse homem tem dentro de si a capacidade de criação da verdadeira obra de arte.

E não há maior nem mais rica fonte de inspiração, nem campo onde o génio melhor possa desabrochar e frutificar.

Essas maravilhosas *Geórgicas* de Virgílio, de que o ilustre Professor Ruy Mayer nos deu uma luminosa tradução, com eruditíssimos comentários, hão-de ter, pelos séculos fora, a beleza eterna, o viço e frescura de um roseiral em flor.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Embora o Senhor Marquês de Pombal tenha providenciado para que se instituisse, junto da Universidade, um Jardim Botânico para mostrar as plantas vivas, que no Gabinete de História Natural «não podem ver-se nele as plantas senão os seus cadáveres, secos, macerados e embalsamados» — o certo é que pelo Estatuto de 1772 uma só cadeira, a História Natural, abrangia a Mineralogia, a Zoologia e a Botânica.

Só dezanove anos mais tarde o Reitor, D. Francisco Rafael de Castro, conseguiu do Governo de Sua Majestade a Rainha D. Maria I que fosse criada na Faculdade de Filosofia de Universidade de Coimbra a cadeira autónoma de Botânica e Agricultura.

Por esse tempo já Félix de Avelar Brotero regressara do seu voluntário exílio, aureolado da justa fama de sábio botânico.

Depois de meras formalidades para a concessão gratuita do grau de Doutor, era incorporado no claustro da Faculdade de Filosofia, sendo-lhe cometido o encargo da regência da nova cadeira.

Dois anos não eram decorridos quando publicou os seus «Princípios de Agricultura philosophica». Como já em 1788, em Paris, publicara o Compêndio da Botânica, estava assim assegurada a parte didáctica da nova cadeira de Botânica e Agricultura, com o trabalho e saber do novo Professor.

A vida de Brotero em Coimbra, embora com razoáveis condições de trabalho, não foi isenta de contrariedades.

As questões com o Reitor, D. Francisco de Lemos, as invasões francesas e as lutas políticas que se lhes seguiram, criaram uma atmosfera de inquietação pouco propícia para o trabalho científico.

Apesar de tudo, sempre fiel aos seus princípios, ainda no Parlamento, quando eleito deputado pela Estremadura, em 1821, pleiteava pela cultura do trigo e dizia no seu discurso: «fica o dinheiro no país, e seremos independentes dos estrangeiros, que é sobretudo o que deveremos aspirar: devemos ter o pão barato, porém deve ser *pão nosso* que é o que devemos pedir na oração dominical».

Foram também notáveis os esforços feitos pela Faculdade de Filosofia e a Universidade, pelas suas autoridades académicas, para valorizar e tornar cada vez mais eficiente o ensino da Agricultura.

A Memória Histórica daquela Faculdade dá conta de numerosas efemérides que o demonstram.

Dois factos, porém, convém pôr em relevo.

O primeiro, referente à reforma de 1836, que ampliou o quadro de estudos, tornando independentes as disciplinas de Mineralogia, Zoologia e Botânica, ficando a Agricultura isolada, agora com nova designação de Agricultura, economia rural e tecnologia.

O outro facto diz respeito às reiteradas tentativas de fazer culturas modelo, em terrenos que depois de muitas solicitações foram entregues à Universidade e eram pertença dos extintos Colégios de S. Bento e dos Carmelitas descalços, cujas cercas eram adjacentes ao Jardim Botânico.

Esta concessão foi efectivada por portaria de 27 de Outubro de 1836 e confirmada e ampliada em 1840 e em 1848.

Assim se estabeleceram, apesar das dificuldades inerentes ao acidentado do terreno, certas culturas, como a da vinha, da oliveira e de muitas árvores de fruto, tentando-se também a aclimação de algumas espécies exóticas, como as quinas, que mais tarde deveriam ser introduzidas por Júlio Henriques, em S. Tomé, em Angola e em Cabo Verde. E, além das quinas, cultivaram-se em condições apropriadas, muitas outras espécies, como a cânfora, a canela, a pimenta, o betel, o piretro, o benjoim, etc.

O estudo da Agricultura na Faculdade de Filosofia de Coimbra tomou assim largo incremento e o número de publicações e manuscritos, muitos existentes na Academia de Ciências de Lisboa, atestam bem a operosidade e devoção dos seus cultores conimbricenses.

Avelar Brotero, Domingos Vandelli, Dalla Bella, Seabra Teles, José Bonifácio e o meu antepassado anatómico Francisco Soares Franco, legaram-nos uma notabilíssima obra.

A todos sobreleva, porém, Júlio Henriques, que sobre assuntos agrícolas publicou, à sua conta, mais de 150 trabalhos, versando os assuntos mais variados e importantes, não só da agricultura metropolitana mas ainda, como já se referiu, sobre assuntos da agricultura ultramarina, a que dedicou especial e proveitosa atenção.

Da natureza das matérias versadas na cadeira de Agricultura, economia rural e tecnologia, a 8.^a cadeira do quadro de disciplinas, pode avaliar-se pelos livros adoptados oficialmente, segundo o Anuário da Universidade.

Eram o *Compêndio de Veterinária*, em 3 volumes, de Macedo Pinto, o *Cours d'Agriculture* de Grandeau e o *Traité de Météorologie* de Davy.

Por ela passaram, além de Brotero e Júlio Henriques, os doutores José Maria de Abreu, Joaquim Simões de Carvalho e por último Bernardino Machado.

Foi sob a regência do Dr. Bernardino Machado que, por carta de lei de 2 de Julho de 1885, a cadeira de Agricultura, economia rural e tecnologia foi suprimida e criada em seu lugar a de Antropologia, paleontologia humana e arqueologia pré-histórica, que lhe foi confiada.

Já nessa altura, o Instituto Agrícola, com os seus 33 anos de existência, gozava de merecida reputação, começando a dar ao país os técnicos tão necessários à sua economia.

E assim, naturalmente, se tornou supérfluo o ensino, feito necessariamente em moldes menos práticos, da Faculdade de Filosofia de Coimbra.

Mas Júlio Henriques, na sua longa e prestimosa vida, teve sempre pelos seus colegas do Instituto Agrícola e depois do Instituto Superior de Agronomia o maior apreço e amizade e com eles manteve as mais activas relações científicas.

Pereira Coutinho, Cincinnato da Costa, D. Luís de Castro, Veríssimo de Almeida, e Manuel de Sousa da Câmara, eram nomes que os seus alunos muitas vezes lhe ouviam pronunciar.

É passo sobre outras iniciativas, aliás proveitosas, que foram providas pelos distintos continuadores de Júlio Henriques, os Professores Luís Carrisso e Abílio Fernandes.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

O Professor José Maria Grande, que foi o primeiro Director do Instituto Agrícola, disse no seu belo discurso inaugural:

«A criação do ensino agrícola veio satisfazer uma necessidade social; veio marcar uma nova era à nossa indústria rural.

«Retardar por mais tempo a realização deste belo pensamento, continuar a deixar por mais tempo no abandono, e entregue a si mesma a arte, que nutre e que abriga os homens, fora um imperdoável desleixo.»

O Instituto Superior de Agronomia, pela alta competência do seu corpo docente, a que neste momento me apraz render as mais calorosas homenagens, pela compreensão dos poderes do Estado que não lhe há-de faltar com os meios materiais necessários, está de facto, num país da índole do nosso, para mais com vastos territórios ultramarinos, destinado a representar um papel de relevante importância na economia e na felicidade da Nação.

De todos os lados os progressos das ciências visam — quando a não destruir a vida humana — a torná-la mais confortável e propícia; a agricultura serve-se desses recursos para se valorizar e expandir.

Mas a ânsia do homem, de vencer a natureza, propele-o, muita vez, a querer escalar o céu.

A genética soviética de Mitchurine e de Lyssenko são disso a demonstração concludente.

Neste campo, como em qualquer outro campo científico, aspiremos a que as efémeras verdades do homem se aproximem das eternas verdades de Deus!

